

Silvestre, J.P., Borges, A. (2012), “A escola lexicográfica de Évora: um contributo jesuíta para a reforma pombalina”, in S.M. Pereira, F.L. Vaz (coords.), *Universidade de Évora (1559-2009). 450 anos de modernidade educativa*, Lisboa: Chiado Editora, pp. 323-334. ISBN: 978-989-697-651-4

João Paulo Silvestre (Universidade de Lisboa), Ana Margarida Borges (Universidade de Aveiro)

A escola lexicográfica de Évora: um contributo jesuíta para a Reforma Pombalina

Deve-se aos jesuítas de Évora a composição de um conjunto de dicionários que estruturaram o ensino da língua latina, ampliaram e difundiram um fundo lexical da língua portuguesa e autorizaram com assinalável coerência a sua ortografia. A *Prosódia* e o *Tesouro* de Bento Pereira, publicados a partir de 1634 e 1647, respectivamente, têm a recepção esperada de um livro escolar, com trânsito assegurado nas escolas da Companhia. Mas esse sucesso garantido não impediu a renovação. Matias de S. Germano introduz alterações substanciais desde a edição de 1697, actualizando a técnica lexicográfica e a informação latina em fontes dicionarísticas italianas de finais do século XVII.

Em meados do século XVIII, Verney e Pereira de Figueiredo descrevem um dicionário tecnicamente desactualizado, filologicamente impreciso e obstinadamente retrógrado. A *Prosódia* ficou, na memória dos estudos culturais, como uma metáfora de um imobilismo, de uma cristalização de saberes e práticas que a Reforma Pombalina veio alterar.

Um conjunto de notícias e testemunhos documentais parece provar o contrário. O ciclo de renovação de métodos, técnicas e objectivos linguísticos e pedagógicos dos jesuítas seguia o seu curso. A revisão da *Prosódia*, atribuída a José Caeiro e interrompida pela expulsão dos jesuítas está insuficientemente estudada e esclarecida¹. Cunha Rivara julgou ter identificado no espólio da

¹ Para uma síntese da biografia de José Caeiro, ver Morais, 1939. Nascido em 1712, ingressou aos 14 anos no noviciado da Companhia de Jesus, em Évora. Aí ensinou Gramática, Humanidades e Retórica. Em 1741, já como sacerdote, proferiu na Universidade de Évora um panegírico latino de saudação ao eborense D. Frei José Maria da Fonseca e Évora, que foi a sua primeira obra impressa. Em Agosto de 1745 fez a profissão solene; entre 1749-50 e 1751-52 leccionou um curso trienal de Filosofia no Colégio de Santo Antão. Na Casa Professa de São Roque, onde viveu por algum tempo, José Caeiro assume o cargo de corrector da *Prosódia* de Bento Pereira. Muda-se pouco depois para a Quinta de Campolide para levar a cabo a tarefa de que fora encarregado. Quando se iniciou o cerco às casas jesuítas em Lisboa, em Dezembro de 1758, ficou por ordem superior, na quinta e aí se manteve sozinho cerca de dois meses. No dia 9 de Fevereiro de 1759 foi enclausurado na casa da Cotovia até sair o decreto régio que determinava o exílio geral dos jesuítas em Itália. Estabelecido nos arredores de Roma, dedicou-se desde logo a escrever a história da perseguição, expulsão e exílio dos jesuítas portugueses e a refutar as acusações que haviam sido feitas à Companhia de Jesus, valendo-se de informações que lhe chegavam e dos apontamentos que minuciosa e cautelosamente tinha recolhido ainda em Lisboa. Com 65 anos, animado pela subida ao trono de D. Maria, escreve a *Apologia da Companhia de Jesus*, em português, que envia de imediato para a soberana. Esta apologia lia-se avidamente em Lisboa, em

Biblioteca Pública de Évora os manuscritos que documentavam essa revisão, compilados no códice CXIII-2-26: “É provável que este seja o exemplar revisto e correcto pelo Padre Pedro Caeiro, cujas primeiras folhas se chegaram a imprimir em Évora” (RIVARA, 1870: II, 9) ². Rivara avança esta hipótese, mas decerto não tinha forma de verificar se a letra que efectua correcções ao longo de boa parte dos códices seria efectivamente a do jesuíta.

Todavia, este não é o dicionário corrigido pelo Pe. José Caeiro. A identificação de manuscritos autógrafos, vindos de Itália e actualmente depositados na Torre do Tombo³, permite concluir que nenhuma das várias mãos do códice de Évora corresponde à sua letra.

O códice representa por isso uma fase, até hoje não noticiada, de um longo processo de revisão, reescrita e reformulação da *Prosódia*.

Trata-se de um testemunho original da evolução da técnica dicionarística e das orientações teóricas dos lexicógrafos jesuítas, pois são assinaláveis as diferenças entre o material compendiado neste manuscrito e um outro trabalho, esse sim da responsabilidade do Pe. Caeiro, e que viria a ser parcialmente impresso.

A folha de rosto atribui ao códice uma coerência que de facto não possui:

Prozodia ou Vocabulario das Lingoas Latina e Portugueza. Composta pelo padre Dr. Bento Pereira da Companhia de Jesus. Novamente reformada, reduzida a melhor methodo, e augmentada com innumeraveis modos de fallar dos Authores Classicos, traduzidos na nossa Lingoa, e necessarios para a intelligencia da Latina.

Dividida em dois Alphetos. O primeiro contem somente as palavras rigorosamente latinas, e uzadas pelos Authores da primeira e da segunda classe, para uzo e segurança dos que pertendem fallar, e escrever com pureza a Lingoa Latina. O segundo comprehende todas as palavras latinas barbaras de que uzaram quaesquer authores que escreveram na Lingoa Latina desde o Seculo Argenteo da mesma lingoa atbe o nosso.

Obra utilissima, e necessaria a todos os que versão Livros Latinos de Letras Sagradas, e profanas, Theologos, Juristas, Filosofos, Medicos e Geografos e a todos os que dezejão ser eruditos.

Offerecida ao Serenissimo Senbor D. Pedro, Infante de Portugal, pelo Collegio e Universidade de Évora.

O material reunido neste códice corresponde a várias fases de redacção e revisão iniciadas bem antes da data de edição da última *Prosódia* (1750). O compilador procurou conferir uma ordenação alfabética a todo este material, que inclui cadernos redigidos por rever, cadernos revistos com anotações marginais e linhas canceladas, e cadernos que resultam de cópias do texto revisto.

Estão presentes dois tipos de numeração: uma da mão dos respectivos redactores, que identifica as sequências de cadernos que tratam de uma determinada letra do alfabeto; uma posterior, efectuada pelo organizador do conjunto, que numerou as folhas de 1 a 1536.

O manuscrito não fornece indicações precisas que permitam identificar os redactores. Resta apenas uma anotação, apenas após a folha de rosto, e que é numerada como fólio 2. O

1780. Entre todas as suas obras, tanto impressas como manuscritas, a mais importante é o extenso manuscrito relativo à expulsão da Companhia de Jesus de Portugal e seus domínios (cf. LEITE, 1995).

² Pedro, em vez de José, é um claro equívoco de Rivara.

³ Torre do Tombo, Manuscritos da Livraria, 2001-2003.

apontamento, intitulado “cadernos trasladados”, indica apenas quatro nomes de responsáveis pela cópia final de determinadas sequências (Pe. Cordeiro, parte da letra A; Pe. Saraiva, parte da letra H; Furtado, parte da letra C e Pe. Leitão, parte da letra D), que, pela técnica lexicográfica e pelas fontes, se devem situar na primeira geração de redactores. No códice não se encontra testemunho de grande parte do trabalho do período inicial, faltando, por exemplo, os cadernos que na lista de trasladados são atribuídos ao Pe. Cordeiro (início da letra A até Aedes).

A identificação e distinção das diversas mãos presentes ao longo do códice revela-se uma tarefa complexa, pois consoante os textos são rascunho, cópia ou correcção, o esmero caligráfico é distinto. Não é de excluir que a mesma mão seja responsável pela primeira redacção e pela sua versão trasladada. Apenas são claramente distintas as mãos dos revisores. No total, identificam-se com alguma segurança pelo menos dez mãos.

Na folha de rosto prometem-se dois alfabetos, ou seja, uma diferenciação das palavras bárbaras. A dupla indexação seria um expediente para renovar filologicamente a nomenclatura do dicionário, sem perturbar a continuidade de uma tradição lexicográfica e didáctica de mais de um século. Todavia, tudo indica que os redactores rapidamente optaram por uma modernização definitiva da nomenclatura. No códice apenas resta um caderno de palavras bárbaras (AB-ALO) e não há indícios de que o segundo alfabeto tenha sido elaborado para todas as letras. Esta nova distinção de palavras da boa latinidade parece reproduzir a nomenclatura do *Magnum dictionarium* de Pierre Danet, que recorria estritamente aos autores clássicos latinos, especialmente aos da Idade do Ouro e da Prata. O segundo alfabeto, a julgar pelo caderno que restou, reúne o tipo de palavras que, nas edições da *Prosódia* de Bento Pereira posteriores a 1697, eram assinaladas com asterisco, sinal de que não eram “rigorosamente latinas”⁴.

<i>Prosódia</i> (1697)	Manuscrito
*Ablegmina	Ablegmina
Ablego	
Ablego	
Ablegatus	
*Ablennes	Ablennes
*Ablepsia	Ablepsia
Ableti, orum	Ableti, orum (não ocorrem em Danet nem Facciolati)
Ablugurio, is, iui, itum	
*Abliguritio, onis	Abliguritio

⁴ Grande parte das entradas da *Prosódia* tinha sido marcada pelo corrector com asterisco com o intuito de advertir o consulente de que estas devem ser usadas com precaução pois ou estão destituídas de autor ou afastam-se do uso comum: “Quae asterisco* notantur, caute usurpanda; uel enim Auctore destituuntur; uel non temere sunt aemulanda, cum a communi usu abhorreant” (*Prosódia*, 1741).

Somente nas glosas do alfabeto segundo se encontra um aproveitamento explícito do material da *Prosodia* impressa e em uso⁵. Depois de abandonada a intenção de fazer uma lista de palavras bárbaras, todo o texto que encontramos no manuscrito segue novas fontes.

O texto dos cadernos com datação mais antiga, estabelecida a partir da lista de cadernos trasladados, parece corresponder a uma tradução quase ao pé da letra do *Magnum dictionarium latinum et gallicum*, o último e mais elaborado de uma série de dicionários que Pierre Danet (c.1650-1709) compusera em França *ad usum Delphin*⁶. Além de ser um modelo prestigiante — um dicionário pensado para a educação da nobreza — correspondia a uma lexicografia latina autorizada e documentada que Bluteau recentemente inaugurara em Portugal, e que teria, no entender dos jesuítas, condições de recepção para ser aperfeiçoada e ampliada.

A tradução reproduz o alargamento sinonímico, a abundância de exemplos e citações, a delimitação de usos metafóricos, mas também dados enciclopédicos, literários e de erudição clássica. Em comparação com a *Prosodia* de 1750, representa uma profunda alteração do texto dicionarístico, com uma reestruturação dos artigos, mais rigor na divisão das acepções, introdução de exemplos de estruturas latinas e de extensas citações de autores clássicos.

Manuscrito

Candeo, es, ui /sem sup./ ere. *Catul. Hor. Estar branco com huma alvura resplandecente, como a neve e a marmore. ¶ Item . Estar todo feito fogo, como o ferro na fragoa, que parece branco.*

Magnum Dictionarium

CANDEO, candes, candui, candere. *Catul. Hor. Estre blanc d'un blanc brillant comme la neige et le marbre.*

CANDEO. *Ovid. Estre tout en feu comme le feu dans la forge qui paroît blanc.*

Manuscrito

Caballinus, a, um *Plin.* Couza de cavallo; vg *caballina caro. Plin.* Carne do cavallo. ¶ *Caballinus fons. Pers.* Fonte famosa que nasceo do monte Helicon em Beocia, a qual os Gregos chamão a Fonte de Hippocrene, que vale o mesmo que do cavallo Pegazo, que a fez nascer segundo a fabuloza antiguidade battendo o rochedo com o pé. Os Poetas a tem consagrado às nove Musas, e fingião, que bebião della para fazer versos. De donde veio que Perseo Satyrico querendose escuzar de fazer versos diz.

Nec fonte labra prolui caballino

Nec in bicipiti somniasse Parnasso

Memini ut repente Poeta sic Prodirem.

Eu nem molhei os beiços na fonte de Hippocrene, nem me lembro ter sonhado sobre o monte Parnazo para que sahisse poeta tão de repente.

Magnum Dictionarium

CABALLINUS, *caballina, caballinum. Plin.* De cheval, comme

Caballina caro. Plin. De la chair de cheval.

Mão CABALLINUS *fons. Pers.* Fontaine fameuse qui sortoit du Mont Helicon en Béotie, que les Grecs nommoient, la Fontaine de Hippocréne ; c'est-à-dire, du cheval Pégase, qui la fit sortir (selon la fabuleuse antiquité) en frappant un rocher de la corne de son pied. Les Poetes l'ont consacrée aux neuf Muses, & feignoient d'en boire pour faire des vers, dit :

Nec fonte labra prolui caballino

Nec in bicipiti somniasse Parnasso

Memini ut repente sic Poeta Prodirem.

⁵ Ex: Alogiani (Hereges, que diziaõ, que Cristo não era filho de Deos)

Alogista (O que esta livre de dar contas) (fl. 28 r)

⁶ *Radices seu Dictionarium linguae Latinae* (1677), *Dictionarium nouum latinum et gallicum* (1680), *Nouveau dictionnaire françois et latin* (1683).

Je n'ai point trempé mes lèvres dans la Fontaine d'Hippocréne, & je ne me souviens pas d'avoir jamais dormir sur le Mont Parnasse au sommet sourchu, pour devenir ainsi Poete tout d'un coup.

O facto de o código ser composto por cadernos em diferentes fases de redacção e revisão dá testemunho do uso das fontes dicionarísticas. Na primeira fase da redacção, de que nos chegaram os cadernos trasladados do início da letra C até CAL, a escolha de nomenclatura tinha sido de tal modo fiel ao dicionário de Danet que os aditamentos posteriores, introduzidos por revisores, vêm precisamente acrescentar topónimos que não eram considerados no dicionário francês. Por exemplo, o fl. 58 resulta integralmente de uma tradução, com adição dos artigos Cabanodurum e Cabura em nota marginal de outra mão.

Pode considerar-se que há uma nova fase a partir do momento em que os redactores passam a usar, de forma sistemática, o *Septem linguarum Calepinus* de Jacobo Facciolati (1682-1769). Trata-se de uma versão revista e ampliada do Calepino, editada em Pádua a partir de 1718, redigida em latim e particularmente abundante em citações de autores clássicos. Os redactores podiam optar por um dos dicionários como base do artigo, mas por norma ainda recorriam ao dicionário italiano para completar os artigos que tinham sido traduzidos de Danet.

O dicionário italiano tornou-se progressivamente uma fonte mais recorrente que Danet, como se pode verificar nos cadernos das letras L, M, Q, R, T e U, da responsabilidade de um mesmo redactor. Não só aumenta o número de artigos traduzidos de Facciolati, como o trabalho de revisão desses cadernos vai no sentido de acrescentar informação do dicionário italiano, seja sob a forma de aditamentos, seja corrigindo ou precisando textos de Danet, com informações literalmente extraídas de Facciolati (entre parênteses rectos o texto cancelado, a negro o texto acrescentado)

Manuscrito

Multiplex, g. icis, /Adject. omn. gen./ *Plin.* Couza varia, multiplicada [de varias dobras, de muitas maneiras] **de muitas dobras**. *Lapsu multiplici et erratico serpere.* [*Cic.*] *Id.* Fazer muitos [braços a ribeira] **voltas e rodeios o Rio**. [*Sermones multiplices variique.* *Cic.* Muitos discursos sobre varias materias e sujeitos. *Multiplices curasolvebat animo.* *Catul.* Estava bem oprimido de cuidados] ¶ **Item O que abunda em alguma couza** v.g. *Vir multiplex in virtutibus.* *Vell. Patercull.* Varão assinalado em virtude e esforço. ¶ *Multiplex proavis.* *Sil.* O nobre e illustre em geração **muito estirada** ¶ *Multiplex animus.* *Multiplex ingenium.* *Cic.* O genio refochado [de duas faces], o **animos** fingido.

Magnum Dictionarium

Multiplex, gen. multiplicis. omn. gen. *Cic.* De plusieurs sortes ou façons.
Lapsu multiplici et erratico serpere. *Cic.* Faire plusieurs bras & serpenter (parlant d'une riviere.)
Sermones multiplices variique. *Cic.* Plusieurs discours sur divers sujets.
Mão *Multiplex nodus.* *Plin.* *Cic.* Un neud double, un double neud.
MULTIPLEX *animus*; *Multiplex ingenium et tortuosum.* *Cic.* Un esprit double & caché ou impenetrable : un esprit toujours masqué, qui n'est point naturel.
Curas multiplices solvebat animo. *Catul.* Il avoit plusieurs sortes de chagrins.
Multiplex, copiosus et varius Plato. *Cic.* Platon a plusieurs sortes de connoissances, il est abondant & diversifie ses sujets.

Septem Linguarum Calepinus

[...] *Vellej. l. 2. c. 105.* *Vir multiplex in virtutibus.* *Sil. l. 5. v. 544.* *Multiplex proavis.*

Manuscrito

Labeates, g. tum m. pl. *Plin.* Os povos [da Liburnia] **que habitão junto do Lago de Scutari, cuja capital he scorda.**

Magnum Dictionarium

Labeates, genit. *Labeatum* m. plur. *Liv.* Peoples de Liburnie.

Septem Linguarum Calepinus

Labeatis lacus, *lago di Scutari*, lacus Dalmatiae, montibus undique septus, nisi ad Septentriones, apud Scodram urb. [...]

O facto de o dicionário de Facciolati ter sido adoptado como fonte principal é confirmado na “Advertência” à letra S, que é o único testemunho do trabalho de redacção. Neste texto, o lexicógrafo pretende transmitir indicações de correcção para o revisor, revelando indirectamente informações sobre a técnica de composição.

Nesta fase, os redactores já seguiam explicitamente Facciolati, com o intuito de o abreviar. Podiam dispensar o recurso a outras fontes de referência, como o *Tesouro* de Estienne, argumentando que o dicionário italiano era “abundantissimo, e não falta ao que he substancial”. Era, por isso, a fonte indicada para documentar uma primeira redacção, que se pretendia rápida, e que seria posteriormente completada pelos revisores. Assim, os artigos em que considerava haver pouca informação eram assinalados com asterisco, para que o revisor a procurasse em outras fontes.

Esta prática observa-se na composição dos artigos sobre toponímia, em que os jesuítas privilegiavam uma informação de tipo enciclopédico mais documentada do que Facciolati oferecia. São por isso constantes as adições que os revisores retiram do *Dictionarium historicum, geographicum, poeticum* de Estienne, mantendo inclusive uma remissão para essa fonte.

Mais importante é a indicação de que havia sido redigido um documento normativo, que estabelecia um “methodo da uniformidade” para os redactores. Mas à época da composição da letra S, o lexicógrafo já considerava esse documento ultrapassado e introduzira alterações ao método. Com o desenvolvimento das condições para a impressão, a informação prosódica podia ser marcada nas entradas, tal como já era usual em dicionários estrangeiros. Assim, o lexicógrafo esclarece que “do S. U. por diante evitey o por pen. B. e couzas semelhantes uzando de accentuaçoens, ou notas, assim por ser mais breve, como por ouvir dizer que ultimamente assim se practicava”. Desta mesma opinião serão os revisores que, em cadernos anteriormente redigidos, vão eliminar dos artigos as abreviaturas, substituindo-as pelos diacríticos indicativos da quantidade silábica.

Há poucos elementos que auxiliem na datação das diversas fases de composição do manuscrito. Sabe-se, por exemplo, que a primeira compilação da letra M decorreu após 1750⁷ e que a letra S é ainda posterior, porque o lexicógrafo aplica normas de redacção que descreve como mais recentes. Tudo indica que a extensa *Prosódia* reformada de Évora estava longe da conclusão no momento em

⁷ No artigo Museum (fol. 84 r.) refere-se a construção da Capela de S. João da Igreja de São Roque, dos inícios da década de 50.

que o Pe. José Caeiro recebe a ordem de concluir, em Lisboa, uma outra versão, inequivocamente escolar, para substituir a edição de 1750.

Sabe-se que, em 1754, o Pe. Caeiro tinha como tarefa quase exclusiva a preparação da nova Prosódia escolar, no retiro da quinta de Campolide (vd. Morais, 1939: 5). As críticas de Verney e as que A. Pereira de Figueiredo se preparava para publicar tornavam necessária uma reformulação que os próprios jesuítas há muito entendiam como imprescindível, e que vinha sendo preparada vários anos antes pelos lexicógrafos de Évora, como observámos a propósito do manuscrito, que renova a nomenclatura, a autorização e a selecção de expressões latinas, concedendo portanto a justeza dos reparos que os detractores da Prosódia apontavam. Verney afirma:

[...] a Prosódia tem muito erro. Não distingue as idades dos vocábulos; mas com uma simples estrelinha quer que nós suspeitemos mal de tudo o que desagradou ao corrector, o qual às vezes erra, como ouvi queixar os mesmos Jesuítas. Além disso, desterra da Latinidade muitos nomes que são latinos, e introduz outros puramente bárbaros. Não explica a força das vozes; nem mostra com exemplos os significados próprios e figurados de cada palavra; além de muitas outras coisas que se podem notar. (Verney, 1949 (1746) : 186).

Figueiredo insiste na incoerente distinção de palavras e usos dos autores do período clássico. A discussão sobre barbarismos, impropriedade e desconhecimento da quantidade das sílabas expõe-se no *Apparato Critico para a correcção do dicionario intitulado Prosodia in vocabularium bilingue digesta, offerecida aos que seriamente quizerem cuidar da sua emenda e reimpressão*, em títulos como:

V – Os Autores da Prosódia poem sem asterisco, como boas, seguras e Latinas, muitas vezes, que entre os modernos críticos estão reputadas, ou por barbaras, ou por pouco Latinas (p. 29)
VIII – A Prosódia ao mesmo tempo que abunda de vozes barbaras, está falta de innumeraveis Latinas (p. 51)
XI – A Prosódia prova a quantidade de muitas syllabas com os exemplos de varios Poetas, que nenhuma authoridade tem na lingua Latina (p. 59)

Na preparação do dicionário escolar, tal como os seus antecessores de Évora, mantém a preferência por Facciolati, cujos critérios filológicos garantem a resolução de grande parte das críticas apontadas à *Prosódia* ainda em uso. Todavia, tem como objectivo manter a configuração escolar do dicionário, divergindo da orientação tesaurística que se observava no manuscrito. Concordando com a sugestão de Verney (1949 (1746): 187), o jesuíta toma por modelo o dicionário latino-italiano de Giuseppe Pasini (1687-1770), que vinha sendo adoptado em vários colégios em Itália desde 1731. Reconhecidamente próximo de Facciolati, o trabalho de Pasini excluía os “barbarismos” da nomenclatura e seleccionava do abundante corpus de citações as mais pertinentes para a aprendizagem do latim. Caeiro usa este dicionário como base de redacção dos artigos, quer para a tradução de definições, quer para a delimitação da fraseologia latina, sem dispensar a consulta de Facciolati para completar artigos ou seleccionar informações que Pasini não registou.

Magnum Lexicon

Canis, is. m. Ovid. f. Hor. *O caõ, ou a cadella*. Plaut. *cadeia de ferro, com que prendiao os reos*. Prop. *azar, ponto, que faz perder no jogo dos dados*. Virg. *hum signo celeste*. Plin. *o peixe caõ*. Canes venatici: Plin. *caens de caça*. Melithaei canes: Plin. *caens de estrada*. Pecuaris canis: Col. *Caõ de gado*. Tartareus canis: Sen. Trag. *o cao Cerbero*. Canes: Cic. *os acusadores, maldizentes, etc.*

Vocabula latini italique

Canis, is, m. e f. Hor. *cane, e cagna*. Plaut. *sorta di catena di ferro, com cui si legavano i rei*. Propert. *punto sfortunato nel giuoco de dadi*. Virg. *cane, segno celeste*. Plin. *cane, sorta di pesce*. Canes venatici, Plin. *levrieri, cani da caccia*. Molossi canes, Hor. *grossi cani*. Melithaei canes, Plin. *cani damigella*. Pecuarius canis, Col. *cane da pastore*. Canem instigare, Petr. *accanare*.

Manuscrito

Canis, g. is. m. e f. Hum caõ, huma cadella. *Addiare aliquem canibus*. Hor. Entregar ou lançar alguem aos caes, para que o despedacem. *Canes venatici* Plaut. *caens de caça*. Molossi canes. Horat. *Caens de fila*. Melithaei canes. Plin. Cachorrinhos de fralda. Pecuarius canis. Colum. Caõ de gado, rafeiro. *Tergeminus canis*. Ovid. Caõ cerbero, que tinha tres cabeças e guardava as entradas do Inferno segundo fingem os Poetas. ¶ Item o que critica e censura os outros o maledico murmurador ou satirico. Plaut. ¶ Item Huma cadea de ferro com que se prendiaõ as mãos dos criminosos. *Ut quidem hodie canem et furcas feras*. Para que leves hoje as prizões de ferro e mais a forca. ¶ Item Hum peixe do mar. Plin. ¶ Item o infimo lançaõ dos dados, ou outras pedras com que se joga. ¶ [...]

A redacção do dicionário poderá ter continuado até 1758 e provavelmente foi concluída em manuscrito. A impressão, iniciada em Évora em 1759, foi interrompida na letra S pelos acontecimentos que culminam na expulsão dos jesuítas dos colégios. Em Janeiro de 1760, o material impresso armazenado é remetido para Lisboa, por ordem do director geral dos estudos, Tomás de Almeida. Da lista constam “vinte e nove pacotes do primeiro abecedario da Prozodia” e “sesenta e dois pacotes de Prozodia de Bento Pereira em papel com 27 prozodias cada hum”⁸. Em Maio do mesmo ano, o director geral escreve ao Marquês de Pombal sobre os atrasos na composição do dicionário de latim-português, que havia sido encomendado a Pedro José da Fonseca⁹. Surpreendentemente, percebe-se que Pombal havia sugerido a Tomás de Almeida que mandasse avaliar a hipótese de recuperar o dicionário de Caeiro, para obviar a demora no trabalho de Fonseca¹⁰. Da carta depreende-se que os revisores nomeados a achavam “muito melhor que as antigas”, mas que não se deveria usar pelo facto de ainda ter defeitos e para que “se não jactassem os Jezuitas de que nos valiamos da sua compozição”¹¹.

As conveniências políticas justificavam a recusa, mas o mérito do trabalho de Caeiro não foi ignorado. Pedro José da Fonseca decide escrever o seu dicionário a partir de uma tradução do

⁸ *Ofício de Jerónimo de Lemos Monteiro, de Évora, sobre entrega de livros segundo lista junta (16-01-1760)* in ANDRADE, 1981: II, 223.

⁹ *Conta do Director-Geral ao Conde de Oeiras sobre o Dicionário de Latim* in Andrade, 1981: II, 340-343.

¹⁰ “todos os Mestres daqui e de fora, clamão por Dicionario, dizendo que os discipulos se queychão que não [podem] estudar a lição da construção, sem elle, que não [podem] compor sem ele, e os Mestres tambem não podem [dar] passo sem elle. A Prozodia extinguiu-se, e foy bem extinta, mas deve-se-lhe suprir. Mandey ver a ultima Prozodia que estavam imprimindo os Jezuitas, mais correcta que as antigas e que V. Ex.^a me recomendou, e passey hum despacho nomeando para seus revizores, a José Caetano de Mesquita e Manoel Francisco. O 1º a passou sem a ver, para que a visse primeiro o segundo. Este me disse já há mezes que a tinha visto e que, sem embargo que a achava muito melhor que as antigas, lhe paressia que ainda tinham muitos defeitos, e que se não devia uzar della, assim pelos ditos, como porque se não jactassem os Jezuitas de que nos valiamos da sua compozição. Respondilhe que o que entendesse, o puzesse por escripto e passasse a Jozé Caetano, para a ver e dizer o seu sentimento. Até agora não tem apparecido, e eu os não tenho apertado tanto, pelos não embarassar nas suas occupações, como pela pouca esperança que sempre tive de nos aproveitarmos della” *Conta do Director-Geral ao Conde de Oeiras sobre o Dicionário de Latim* in ANDRADE, 1981: II, 342-343.

¹¹ *Ibidem*.

mesmo Pasini e pede a Tomás de Almeida que lhe facilite um dos exemplares do dicionário¹². Sabe-se que o recebeu, pois numa lista de livros remetidos da casa de Fonseca para a directoria, junto com os dicionários de Danet, Facciolati, Estienne e Crusca, encontra-se uma Prosódia de Caeiro¹³. Fonseca publicará finalmente o *Parvum Lexicon* em 1762, que se pode considerar uma versão de Pasini bem mais abreviada do que a redigida por Caeiro.

A concisão do dicionário de Fonseca era simultaneamente a sua principal limitação. O dicionário incompleto dos jesuítas era superior no número de entradas, na extensão das definições e das descrições em vernáculo, com um leque sinonímico amplo e traduções de excertos de autores latinos do período clássico.

Após o afastamento de Pombal, a Ordem Terceira de S. Francisco recebe a incumbência de recuperar o trabalho de Caeiro¹⁴. Quase 20 anos após a interrupção da edição, o único dicionário disponível era ainda o *Parvum Lexicon*, que só viria a conhecer a segunda edição revista e pouco ampliada em 1785.

Manuel de Pina Cabral (1746-c.1810) é encarregado de redigir as letras finais (de SAP em diante) e deixa testemunho, em carta a Fr. Manuel do Cenáculo, dos aspectos que, numa apreciação agora mais lexicográfica que política, tornavam a obra merecedora de publicação:

[...] recebi huma ordem do meu Provincial para me recolher a esta Corte, a onde no fim de Setembro me ordenou, que completasse hum Diccionario Latino, e Portuguez (dadia de S. Mag.de) que hum jesuita tinha trabalhado ate o principio da letra S. He este Diccionario bastantemente copioso; mas sem superfluidade: nelle se poem por extenso todas as abbreviaturas romanas; explicam-se em Lingua Portugueza os significados proprios, e translatos de todas as palavras da pura Latinidade, as Frases, e os Proverbios; notaõ-se os vocabulos, em que ha variedade de lição; poem-se os nomes proprios de Regioens, Ilhas, Provincias, Reinos, rios, lagos, montes, os dos homens, e Deoses, em huma palavra tudo o que pertence á Mythologia, á antiga Historia, e Geographia, que se encontra nos Poetas, Historiadores, e mais Authores Romanos¹⁵.

Pina Cabral redige em poucos meses as letras em falta, e as licenças para impressão são pedidas em Janeiro do ano seguinte. Com o título de *Magnum Lexicon*, sairá impresso sem que no prólogo se

¹² “hé necessario que a Directoria me mande entregar os Thezouros da Lingoa Latina, de Roberto Estevão [...] a *Prozodia* que os Jezuitas imprimião modernamente [...] Ill.^{mo} Rev.^{mo} Sr. Luiz Francisco de Sousa. Vi com mais vagar a *Prosodia*, que se me entregou e acho não ser a que eu pedia. Esta hé a mesma antiga impressa modernamente e não a em que trabalhava o Padre Caeyro e ainda não estava de todo accabada. A qual hé que Manoel Francisco tem, e pertendia ver, e com effeito me he preciza. V. M.^{cê} terá a bondade e o trabalho de examinar onde está alguma, para se me entregar. Fico muito à obediencia de V. M. cê que Deos guarde muitos annos. Caza 23 de Novembro, etc. De V. M.^{cê}, creado e muito venerador, Pedro Jozé da Fonseca” – *Carta de Pedro José da Fonseca sobre a tradução do Dicionário de Turim (17-11-1760), com o pedido de empréstimo da Prozodia do Pe. Caeiro (23-11-1760)* in Andrade, 1981: 371-373.

¹³ *Relação dos livros que vieram da casa de Pedro José da Fonseca*, B.G.U.C. Ms. 2536, n° 7.

¹⁴ “Sua Majestade é servida mandar declarar à Real Mesa Censória que todos os livros impressos e manuscritos, e as Prosódias incompletas na sua impressão pertencentes ao Colégio de Évora, que foi dos Padres denominados da Extinta Companhia de Jesus, se devem entregar ao Ministro Provincial dos Religiosos da Terceira Ordem da Penitência” - Torre do Tombo, R.M.C., caixa 188, in POMBAL, 2008 (1771): 76.

¹⁵ *Carta de Pina Cabral a Fr. Manuel do Cenáculo (28-12-1779)*, B.P.E., Cod. CXXVII – 2-9, carta n° 3750.

dê uma notícia que reconstitua rigorosamente o percurso e as autorias do dicionário. Caeiro, exilado em Roma, manteve-se demasiado contestatário para que o seu nome pudesse ser recuperado como principal figura autoral da primeira edição do *Magnum Lexicon*. Só neste contexto foi possível a inconfessa apropriação que os Oratorianos fizeram do seu trabalho. Enquanto se esgotam os exemplares compostos com as folhas armazenadas desde 1759, Pina Cabral prossegue a revisão do material original, para uma reedição “muito ampliada e corrigida” do conjunto em 1802. Ainda que sob um anonimato que rompeu a filiação jesuíta, o ciclo de renovação da *Prosódia* cumpriu-se, legando um dicionário tipologicamente modernizado, que ocupará um espaço privilegiado no ensino da língua latina.

Bibliografia

- ANDRADE, António Alberto Banha de, (1981): *A Reforma Pombalina Dos Estudos Secundarios (1759-1771)*. Vol. 2. Coimbra: BGUC.
- CALEPINO, Ambrogio, FACCIOLATI, Jacobo, (1746): *Septem linguarum Calepinus: Hoc est Lexicon Latinum, variarum linguarum interpretatione adjecta in usum Seminarii Patavini*. Patavio: Typis Seminarii.
- DANET, Pierre, (1726): *Magnum dictionarium Latinum et Gallicum : ad pleniorum planiorumque scriptorum Latinorum intelligentiam, collegit, digessit, ac nostro vernaculo reddidit cum notis*. Lugduni: Apud Nicolaum de Ville.
- FIGUEIREDO, António Pereira de, (1755): *Apparato critico para a correção do dicionario intitulado Prosodia in vocabularium bilingue digesta*. Lisboa: Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno.
- FURNO, Martine (1997). «Les dictionnaires de Pierre Danet pour la collection Ad usum Delphini». In : *Histoire de l'éducation*, n° 74, pp. 115-130.
- LEITE, José (trad.), (1995): *História da expulsão da Companhia de Jesus da Província de Portugal (séc. XVIII)*. Lisboa: Verbo.
- LUZ, Tomás da, COSTA, João da (1673): *Amalthea, sive hortus onomasticus in gemina divisus florilegia, quorum quodlibet multigenas sub dividitur in areolas, in quibus communiora nomina ad quotidianum Linguae Latialis usum, & exercitationem spectantia continentur, cum indice titulorum ad limen apposito: coronat opus topographicum Lusitaniae lexicon, ac periphrastrica quorundam Sanctorum descriptio: Reverendissimo P. Fr. Gabrieli de Amaral thomariensis... / auctore P. Fr. Thoma de Luce Ulyssipponensi [...].Ulyssipone : excudebat Joannes a Costa.*
- Magnum lexicon latinum et lusitanum* (1780). Olisipone: Typis Regiae Officinae.
- MORAIS, Júlio de, (1939): *Historiador desconhecido José Caeiro: grande escritor da época pombalina*. Braga: Livr. Cruz.
- PASINI, Giuseppe, (1758) *Vocabula Latini, Italique Sermonis ex aureis, et optimis scriptoribus collecta, ac in duos libros distributa, quibus quibus insertae sunt elegantiores & difficiliore utriusque Linguae phrases, locutiones, proverbia &c. ad usum studiosae humaniorum literarum juventutis in taurinensi gymnasio ceterisque subalpinae Italiae Scholis*. Augustae Taurinorum: Ex Typografia Regia.
- PEREIRA, Bento, (1697): *Prosodia in vocabularium bilingue, Latinum, et Lusitanum digesta... / Auctore Doctore P. Benedicto Pereyra.... Septima editio auctior, et locupletior ab Academia Eborensi [...].Eborae: ex Typographia Academiae*
- PINA, Cabral, carta de 28 de Dezembro de 1779, B.P.E., Cod. CXXVII – 2-9, carta n° 3750.
- POMBAL, Marquês de, Junta de Providência Literária, 2008 (1771): *Compêndio Histórico da Universidade de Coimbra*. Porto: Campo das Letras.

Prozodia ou vocabulario das línguas latina e portugueza. Composta pelo padre Dr. Bento Pereira da Companhia de Jesus. Novamente reformada, reduzida ao melhor methodo e augmentada com innumeraveis modos de fallar dos auctores clássicos, traduzidos na nossa lingua, e necessarios para a intelligencia da latina. B.P.E., Cod. CXIII – 2 – 26.

RIVARA, Joaquim Heliodoro da Cunha, MATOS, Joaquim António de Sousa Teles (1869): *Catalogo dos manuscritos da bibliotheca publica eborensis*. Tomo II. Lisboa: Imprensa Nacional.

VERNEY, Luís António, 1949 (1746): *Verdadeiro método de estudar*. Vol. 1. Prefácio e notas de António Salgado Júnior. Lisboa: Sá da Costa.